

Marcello Mastroianni: do drama à comédia

Naturalidade e ironia foram as marcas de um dos principais atores da Velha Bota. No meio do caminho entre o neo-realismo e a típica comédia italiana, Mastroianni construiu sua carreira artística amparado pelas sutilezas com que construía seus personagens

O primeiro palco a receber Marcello Mastroianni foi Fontana Liri, uma cidade italiana do Lácio, região central do país: ali nascia o ator, no ano de 1924. Aos dez anos mudou-se para Roma com a família e, só depois de passar pela Escola Industrial na adolescência, começou a se interessar pelo teatro. A partir de então, iniciada sua carreira artística, menos de dez anos se passariam entre seu *début* no teatro e a aparição no cinema internacional.

Ainda jovem, Mastroianni integrou o grupo teatral do qual a atriz Giulietta Masina fazia parte, e começou seu trabalho como ator em uma companhia inglesa de cinema. No princípio da carreira, nos anos 40, aparecia nos filmes apenas como figurante, mas logo seu talento foi reconhecido, e passou a ser chamado para diversos papéis.

Durante muito tempo, o ator interpretou personagens que seguiam, com frequência, a mesma linha. Geralmente, eram *bon-vivants* e homens galantes, preocupados com o sucesso, com a fama e focados em seduzir mulheres da alta sociedade. Muitos desses papéis foram interpretados ao lado de Sophia Loren. Mastroianni se separa desse estereótipo em 1956, quando conhece Luchino Visconti e, juntos, gravam *Noites Brancas*.

Na seqüência, o ator fez grandes parcerias com o diretor e dramaturgo Federico Fellini. Os dois se conheceram justamente quando Mastroianni estrelava uma peça com Masina, mulher de Fellini. Mas foi durante a temporada de filmagem de *La Dolce Vita*, em 1960, que a cumplicidade entre eles se firmou. *A Doce Vida*, nome em português, garante a Fellini seu terceiro Oscar. Em 1962, Mastroianni interpretou um diretor frustrado em *Oito e 1/2*, também de Fellini, tornando-se assim o ator preferido do dramaturgo.

Nos anos seguintes, grava com os mais importantes diretores da época. Marco Ferreri, Ettore Scola e os irmãos Taviani são alguns deles. Também realiza grandes sucessos sob a direção de Marco Monicelli, em *Casanova '70*, e de Vittorio de Sica, em *Ontem, Hoje e Amanhã*, filme em que interpreta três fases diferentes da vida de um mesmo personagem. Ao longo de sua carreira, também contou com a orientação de diretores não italianos, como Robert Altman, em *Pret-à-Porter* - uma sátira ao mundo da moda, rodado no início dos anos 90 -, e Bruno Barreto, em *Gabriela, Cravo e Canela* - gravado no Brasil em 1982. Neste, Mastroianni é o turco Nassib, casado com a provocante Gabriela, interpretada por Sonia Braga.

Entre diversos temas, o retrato de sua Itália

Em sua carreira, Marcello Mastroianni trabalhou em aproximadamente 150 filmes como ator e divulgou o cinema italiano para o mundo.



Divulgação

natal fica a cargo do filme *Stanno Tutti Bene*, de Giuseppe Tornatore. Seu personagem decide fazer uma surpresa aos filhos e, de trem, percorre regiões da Itália buscando o reencontro. Nápoles, Roma, Florença e Milão são os focos de Tornatore. Em contraponto ao drama, Mastroianni participou também de comédias. *Ginger e Fred* é um exemplo do amplo repertório do ator e de sua versatilidade: pula de um gênero a outro, sem perder a atenção da platéia. Nesse filme de Fellini, ele e Giulietta Masina fazem uma dupla que imita as clássicas atuações de Ginger Rogers e Fred Astaire. Mastroianni conquistou muitos prêmios em reconhecimento ao seu trabalho. Ganhou duas vezes o prêmio de Melhor Ator pelas obras *Ciúme à Italiana* (1970) e *Olhos Negros* (1987), no festival de Cannes, um dos mais conceituados da categoria. Também foi indicado três vezes ao Oscar de Melhor Ator, por *Divórcio à Italiana* (1961), *Um Dia Muito Especial* (1977) e novamente *Olhos Negros* (1987). Ao todo, foram mais de 120 filmes ao longo de quase 50 anos de carreira. O ator, saltando de um gênero a outro com muita facilidade, sempre prendeu o olhar atento dos espectadores. Até hoje, o público acompanha com admiração e encanto cada manobra sua, que se diversificava em todo novo enredo. 📽

Assista:

A Doce Vida (*La Dolce Vita*)

Ao lado de Anita Eckberg, Marcello Mastroianni protagoniza esta que é uma das mais amadas obras-primas de Federico Fellini. Por esse filme, o diretor recebeu Oscar e Palma de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro. Parte da película foi gravada fora dos estúdios de Roma, no *resort* à beira-mar Fregene, mas outras cenas foram filmadas em um enorme cenário cinematográfico extravagantemente desenhado por Piero Gherardi, responsável também pelo elegante figurino. A obra foi gravada entre março e agosto de 1959. Mastroianni, no papel de um jornalista *bon-vivant* e fofoqueiro que se envolve com a alta sociedade, vive em uma Roma dos anos 60 que, mesmo moderna e sofisticada, já mostra os sinais da decadência e da influência que viria dos Estados Unidos. O longa mostra sete dias e sete noites da vida de um colunista romano, também chamado Marcello. O personagem pende entre tomar um novo rumo em sua vida ou se manter em meio ao luxo e aos casos efêmeros que mantém com famosas atrizes de cinema. Durante a semana retratada, ele flerta com uma das estrelas recém-chegadas a Roma, papel habilmente construído por Anita Eckberg.

Direção: Federico Fellini / **Ano:**1960 / **Duração:** 167 minutos

Estamos Todos Bem (*Stanno Tutti Bene*)

O mesmo diretor de *Cinema Paradiso* fez de *Estamos Todos Bem* um filme cheio de tristeza e ironia. A obra narra a busca de um pai por seus filhos, já crescidos, que agora vivem e trabalham em diversas regiões da Itália. Ao longo da narrativa, a mistura entre sonho e realidade é bem convincente. Mastroianni interpreta o pai, Mateo Scuro, siciliano aposentado que decide fazer uma surpresa para seus meninos (três homens e duas mulheres), mas não os encontra na situação em que esperava, ou não tão bem quanto lhe fizeram acreditar. Durante a longa viagem, passa por Nápoles, Roma, Florença, Milão e Turim, cidades que o reportam a uma realidade muito diferente da sua. A figura do idoso Scuro foi bem construída por Mastroianni, que se ateu à sutileza dos detalhes e dos pequenos gestos. A trilha de Morricone completa o clima de nostalgia, expectativa e frustração.

Direção: Giuseppe Tornatore / **Ano:**1960 / **Duração:** 125 minutos